

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--21 de Novembro--1929

**5 TOSTÕES**

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**183**



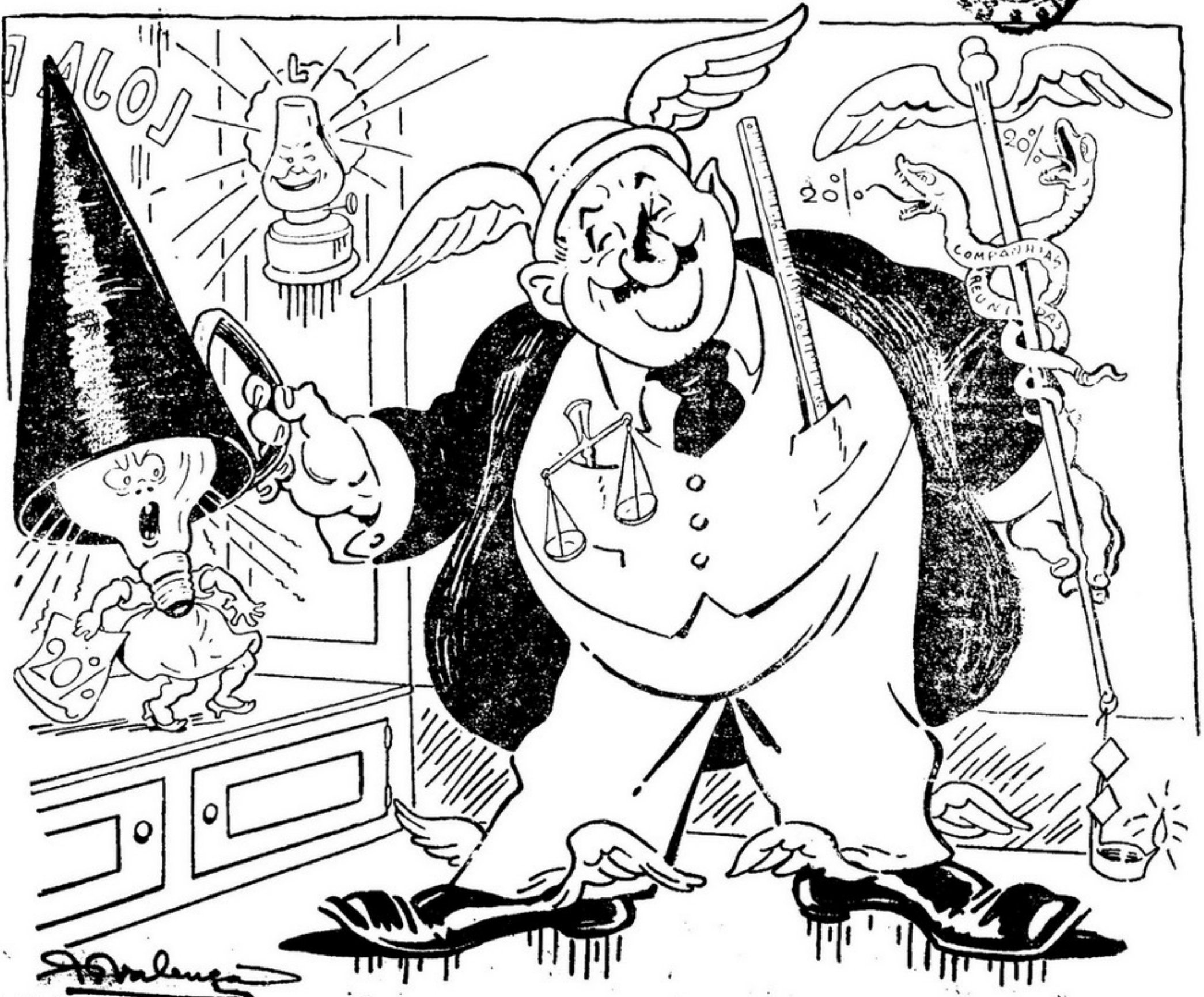
sempre  
**fixe** semanario  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

**FIAT LUX**



... durante as lampadas, o comercio conseguiu «fazer luz» na questão e pro-  
var que nem tudo que luz é o «ouro» que as Companhias Reunidas pretendiam  
meter nos cofres.



## Os ditos da semana



**Matar** Dantes, nos foraes do tempo do Senhor D. Manuel I, que Deus haja, matar um homem custava quatro vintens. Hoje, com o custo da vida, vac a mais caro: oito contos de reis. Era esta a cifra que um tal Mota ofereceu a Antonio Duarte Pinto para matar um Nobre Coelho, que em qualquer casa de criação se tira por seis escudos. Felizmente que o Coelho escapou de tão cruel fricassé. E comprehende-se: Pinto além dos seus bons sentimentos, é, segundo o apelido um galinaceo debil e timido. Cacarejou tudo a tempo!

**Teuros** Qual historia! Nunca mais acabam. Materia prima não falta. Embolados, desembolados, sempre os ha, houve e haverá. E' uma questão de os saber lidar. Passar-lhes o capote. Corré-los com pericia! Desde que foram abolidas as corridas de morte, registam-se menos desastres. E, reconhecidos, os animaes amansaram. O ano passado, diz-se numa estatística, lidaram-se no Campo Pequeno 135 touros e 2 garraios. Mansos e bravos todos sofreram o castigo, investindo com nobreza. Esperamos que para o ano a estatística aumente. Que diabo! E' uma questão de progressos e de costumes!...

**Divorcios** Ha uma agencia que se propõe divorciar todos os conjugues, mesmo que sejam pobres, isto é mesmo que não tenham dinheiro para a respectiva acção judicial.

Quaes as vantagens da agencia?

E' difficil descobri-las se não se trata duma questão de pecuria.

Fazer a felicidade do genero humano, foi tão infeliz?

Aumentar o contingente dos divorciados, machos e femeas? Mas para quê?... Naturalmente para os casar depois, divorciando-os em seguida.

Tomam-lhe o gosto e ficam conhecendo a agencia, que mesmo pouco, sempre vac ganhando para o... pitrolho!

**Luz** Durante quinze dias foi visivel em Lisboa, sem que os observatorios o tives-

sem anunciado, um eclipse total de luz, nas vitrines dos estabelecimentos. A crise passou. Já no sabado, a Baixa se iluminou confiando num acor-do-zinho que entre as Reunidas e o anunciante se está negociando.

Desejamos que ele chegue a bom termo, mas tambem desejamos que os particulares não sejam esquecidos. O sol quando nasce é para todos! Está neste caso a luz, segundo diz Edison, e todos os edisons caseiros. A vêr vamos!

## DR. BRITO CAMACHO



FEIXEIRA  
GABRAL

Medico, jornalista, homem de Estado, de estudo e de letras que põe constantemente os prelos a gemer por sua conta e risco, sem nunca correr o risco de nos enfiadar.

O livro "Scenas da Vida", agora posto a venda, demonstra bem quanto o seu talento pode e o bom humor é capaz - porque scenas daquelas só "azes", as sabem fazer.

### O CONCURSO DAS MARIAS

por João Fernandes

Mal o dia principia,  
Deixo da cama as delicias  
E vou vêr qual a Maria  
Que nos dá naquele dia  
O concurso da Noticias.

Aquilo não custa nada,  
E assim que o jornal me dão  
Decifro logo a charada;  
Mas sexta-feira passada  
Parei numa hesitação.

O desenho representa  
A um sordido Harpagão,  
E a uma moçolla atenta  
Que, com cuidado, sustenta  
Um par de brincos na mão.

Puz-me a olhar a decifrar  
Com o maior dos affaires;  
Mas p'lo seu modo e o seu ar  
'Stava capaz de jurar  
Que é a Maria dos Brincos.



— Em Africa matei vinte leões, trinta tigres quaranta crocodilos, quinze elefantes e...  
— Isso não é nada. Tu conheces o Mer Merve?...  
— Conheço...  
— Pois fui eu que o matei.



— Ouve lá papá...  
— Diz minha filha...  
— Agrada-me imenso andar a cava-  
o, todavia, gostava muito que tu me comprasses um auto.  
— Para quê?...  
— Para tirar um auto retrato.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

### LUCILIA-ERICO



A primeira da «Primeira Noite» não foi a primeira noite de triunfo para Lucilia Simões e Erico Braga. Foi, todavia, uma noite de primeira ordem... balcão e plateia a aplaudir com entusiasmo o seu trabalho e de toda a companhia.

uma rosa que viesse dar cor àquela casa de espectáculos onde havias duas e nada...

A febre dos ordenados grandes continua. Ha empregatarios que se veem *dobts* para pagar a folha da companhia.

Como se explica a razão de haver artistas que ganham oito contos por mês?

Olhando para as outras profissões é que se pode avaliar o quanto são exagerados certos ordenados desses artistas.

Não ha, realmente, receitas que possam dar para tão elevados vencimentos...

É necessário uma reacção da parte dos empregatarios e uma boa compreensão da parte dos artistas.

Tem que se conseguir um meio termo para se poder levar a cabo esta cruzada; salvar o teatro português.

Unam se todos os que mourejam a dentro do teatro e os que ainda empregam dinheiro em explorações teatrais. A todo o tempo e tempo de se acudir a grande crise que se avizinha...

REALMENTE, por *duas corats*, era pouco... Era quasi fazer pouco...

Nisto se sintetisa uma proposta que appareceu no primeiro concurso do T. N...



—Oh! mãe! Deixe-me ir ver aquele homem que foi atropelado...  
—Deixa lá, filho. Pelo caminho veremos outros...

HISTORIA sem fim...  
Podemos chamar desta maneira ao que se está passando com a peça *Prise*, obra americana, conhecida entre nós, como muitas outras coisas, pelo nome francês...

Relatámos o referente á conquista da obra, á conquista da tradução e até ao caso de haver já em português — como sendo original — uma peça com enredo igual.

Hoje, porém, surge-nos em cima da mesa uma carta que não podemos deixar de publicar. Como sempre, é anónima, mas insere materia nova sobre a historia da *Prise*. Eis alguns trechos:

«Essa pagina do *Fixe*, que eu leio sempre com atenção e pela qual nutro uma certa queda, pois me interessam sobremaneira as coisas teatraes, tem trazido ultimamente ecos referentes a uma peça americana, *The Spider*, que já foi representada em França, com relativo successo, e que em Espanha nem esse relativo mesmo alcançou... A razão, portanto, da caça — como V. muito bem disse — a essa peça não se comprehende. Mas isso é lá com eles, que percebem mais de teatro do que eu.

Mas... Vamos ao fim desta. O *Homem das 5 horas*, quando ataca certos autores dramaticos portugueses, fala com sinceridade, e em muitos casos com carradas de razão... No entanto, queremos dizer-lhe que o roubo ao teatro francês — principalmente — estase fazendo em Espanha em descarada e larga escala. Os espanhols, esses sim, roubam mas, diga-se a verdade, roubam um pouco melhor do que os portugueses... Tudo isto, perdô-me, sr. director, vem a proposito de ter agora visto em Madrid — cheguei ante-onhem — uma peça, no Teatro Alcazar, que é a *Prise* sem tirar nem pôr. A saída do teatro volta a ler o cartaz. Lá estava com todas as letras o nome do autor espanhol. Nem ao menos tinha por baixo do titulo a palavra *inspirado*, como agora se usa entre nós, quando a obra é doutros... E sabe o que fiquei pensando: «Não sera representada em Portugal esta peça? Se o fór... a *Prise* morreu... e morreu de morte macaca...»

A carta continua ainda, mas com cosas vagas sobre teatro. O que interessa aí fica. Quer dizer: em Espanha, a *Prise* não fez successo, mas houve quem plagiasse o seu enredo...

É caso para dizer: Lá como cá... No entanto, cá não se chegou a consultar o acto...

Que mais surpresas nos trará *The Spider*, em francês *Prise*, em espanhol *La araña del oro* e em português... sabe-se lá o titulo?!

CONTINUAM a organizar-se companhias para seguir em *tournee* pela provincia...

Nada menos de quatro, anunciam os jornais...

A provincia poderá com tanto? Não será abusar dela? Mas a necessidade do *ganha-pão* a isso obriga...

Pobres artistas! Deus os proteja, que bem merecem... Só o sacrificio de estar fóra da sua terra, da sua casa, comer e dormir hoje aqui, amanhã acolá... Pobres artistas!

ESTÁ aguada teatral é dedicada ao Brasil... Foi a estreia de L. F., actor moderno, elegante, e que o publico aprecia como deve... L. F. reapareceu no T. A. neste outono chuvoso e lamacento como se fôsse uma *rusa*...

NAO ha direito...  
É uma expressão já vulgar e que se emprega hoje para tudo... Mas, para o que vamos narrar é uma expressão que fica bem... que exprime lindamente o que é necessário que se diga... Não ha direito!

Assistimos uma noite destas á representação duma obra cuja acção decorre numa praia francesa. A meio dum dos actos, ouvimos um actor falar no aumento do preço da electricidade... nos famosos 20 por cento!

Não ha direito!  
Para que servem os directores artisticos? Qual é o seu papel?

O publico é claro, não. Falo no publico em geral... e no da geral. O outro, não. O outro revoltouse e teve razão.

Quando se convenceu alguns artistas de que as coisas da sua casa não só prejudicam as peças como os prejudicam a eles?

Não ha direito!

UM pretenso jornalista, de talento mais do que duvidoso, julgando-se certo dia critico teatral, abalançou-se a fazer a apreciação de determinada peça.

A certa altura do artigo, disse da personagem principal:

«... O heroi, esperimentado pelas cruéis vicissitudes da sorte, é um pouco prejudicado pelo convencionalismo teatral de flexibilidade permanente que no desempenho se nota...»

Passados dias, um leitor enviou-me o seguinte periodo que, dizia, faltava no artigo citado:

«... A susceptibilidade híbrida das concepções estheticas vai promiscuar obrigadamente sobre os diapasons altisonantes das metempsicos obnoxenas, que, incidindo rectivamente sobre o repto estufante, fazem com que os kalmismos hiperbolicos sejam capciosamente diluidos no abstrusismo sintetico do nada dissolvente...»

Arquivamos isto porque, devem convir os leitores, o mereço...

NO T. A. foi, no principio desta epoca, representada a peça *o Pai de Todos*.

Agora anuncia-se no T. P. a comedia *o Mamão*... não se sabe tambem se de todos.

Para que teatro irão *os filhos dos dois*?

O A. da C. descobriu um teatro em Campanhã.

É levado do diabo!  
Que mais descobriu o A. da C.?

FAZ-NOS impressão... e não sei como ha coragem... deixar artistas que tiveram a sua epoca, a sua epoca gloriosa, fazer *papeis* insignificantes... embora eles pouco mais possam fazer...

Confrange a alma e doe o coração! O que devem sofrer e como devem olhar para os que os conheceram em tempos! É doloroso!

Ha agora um exemplo destes, num dos teatros a funcionar.

O publico talvez não repare nisso, mas nós, embora não sejamos muito antigos, ainda o conhecemos no tempo aureo... É por isso que sentimos... o que eles devem sentir lá por dentro...

O Homem das 5 horas

# BOM HUMOR

Passa no Ciuado uma linda mulher. De todos os lados se olha para ela e um galanteador cumprimenta a delicadamente, tirando o chapéu.  
 Volta-se ela:  
 — O senhor conhece-me, porventura?  
 — Não, minha senhora. Mas é que V. Ex.<sup>a</sup> é de se lhe tirar o chapéu...

\*\*\*

O garoto para o pai:  
 — Oh! papai! Como se chama um homem que é casado com duas mulheres?  
 — Chama-se bigamo.  
 — Mas... oh! papai! suponha que ha um homem que é casado com mais de duas mulheres. O que é ele?  
 — Um adota...

\*\*\*

A mãe para a filha:  
 — Que é, Anitas?  
 — Mãe!  
 — Para que estás tu nos bell'ões do teu trançado? Deixa o s'agado, cozido?  
 — E que estamos a brincar com a gente vos, mamãe, e de faz de faz Zéna...

\*\*\*

O médico: — Essas d'óras nos mostram da sua perna esquerda, sr. Ricardo, são devotas a idade avançada que voce vai tendo, sabe?  
 — Sim, sr. doutor. Mas a minha perna direita tem a mesma idade e ela não me doe...

\*\*\*

Num salão, a baronesa discute com o marquês sobre mulheres.  
 — Que diz, meu caro marquês!... O que lhe afango e que ha mulheres que... por uma simples ceia... Ah! mas isso é abominavel! Eu preferia, creia, não comer mais que pão seco...  
 — Durante quanto tempo, baronesa?

\*\*\*

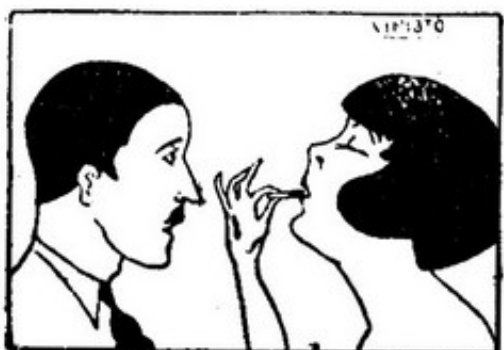
Pereira casouse ha pouco. O seu velho amigo Silva abraça-o e exclama:  
 — Parabens! E daste bem com a tua mulher?  
 — Muito bem. Só lhe conheço o defeito de não saber tocar piano.  
 — E chamas a isso um defeito?  
 — E bem grande, porque ella não sabe mais tocar...

\*\*\*

Numa reunião familiar, um dos convidados para uma senhora já bastante durazia:  
 — Que idade tem V. Ex.<sup>a</sup>, minha senhora?  
 — Ah! eu sou muito velha. Imagine que sou do tempo em que era na criação fazerem-se certas perguntas.

\*\*\*

A senhora para o mendigo:  
 — Aqui tem leis tostões e oxala que não vá deixar a esmola na taberna.  
 — Não deixa, não, minha senhora. Com isto vou comprar um chalet no Estoril.



Ele — Parece-me que pintas os lábios de mais.  
 Ela — Sim! Parece que é questão de gosto.  
 Ele — Exactamente. E' o gosto o que não me agrada.



— Não na duvida, é preciso ter muita coragem para chamar a isto um estado interessante!

## Uma historia das Arabias

Abd-el-Irim era um homem pacifico casado com uma mulher forte. A sua paciencia, em face das exigencias da esposa, era exasperada; e, tanto quanto Mahomed se deu ao Kordão (o Abd-el-Irim sabia o de certo) que a mulher e o camello que Allah deu ao homem para atravessar o deserto da vida, Abd-el-Irim bastas vezes se atrepevia de ter accedido para sua companhia um tal camello — perdido tal esposa.

Ora, passava-se a historia no tempo em que os animais ainda falavam, e Abd-el-Irim foi encontrado pela esposa esutando, no seu quintalario, uma conversa interessante entre uma galinha e um coelho. Filha de Eva, a esposa de Abd-el-Irim quiz logo que o marido lhe contasse o que, com tanto interesse, estivera ouvindo aos dois animais. Mas — ah! deus, estado! — Abd-el-Irim tinha ouvido tambem que aquelle ser humano que transmitise a algum a conversa ouvida aos dois animais morrera immediatamente, sem apelo nem agravo.

Debalde, Abd-el-Irim dizia á esposa: — Filha de Allah, tu queres a minha morte, pois sabes que, se eu revelo o segredo, morrerei immediatamente...

A esposa, porém persistia na sua teima; não lhe importava que o marido morresse; queria, acima de tudo, saber o que, um ao outro, haviam dito os dois animais.

Porque era de indole pacifica, Abd-el-Irim foi suportando pacificamente a curiosidade da mulher. Mas isto consumia-o, isto ralava-o, porque, se lhe custava morrer, tambem lhe custava não poder satisfazer o desejo da

esposa — e mais lhe custava ainda ver a pouca conta em que ella tinha a vida do seu proprio marido. Tanto desgosto, simultaneamente, não podia deixar de abater, fissa e mortalmente, e Abd-el-Irim andava cada vez mais apouco e mais magro.

Me que um dia, sem querer, Abd-el-Irim surpreendeu os mesmos dois animas numa conversa intima e, pondo o ouvido á escuta, ouviu a galinha dizer para o coelho:

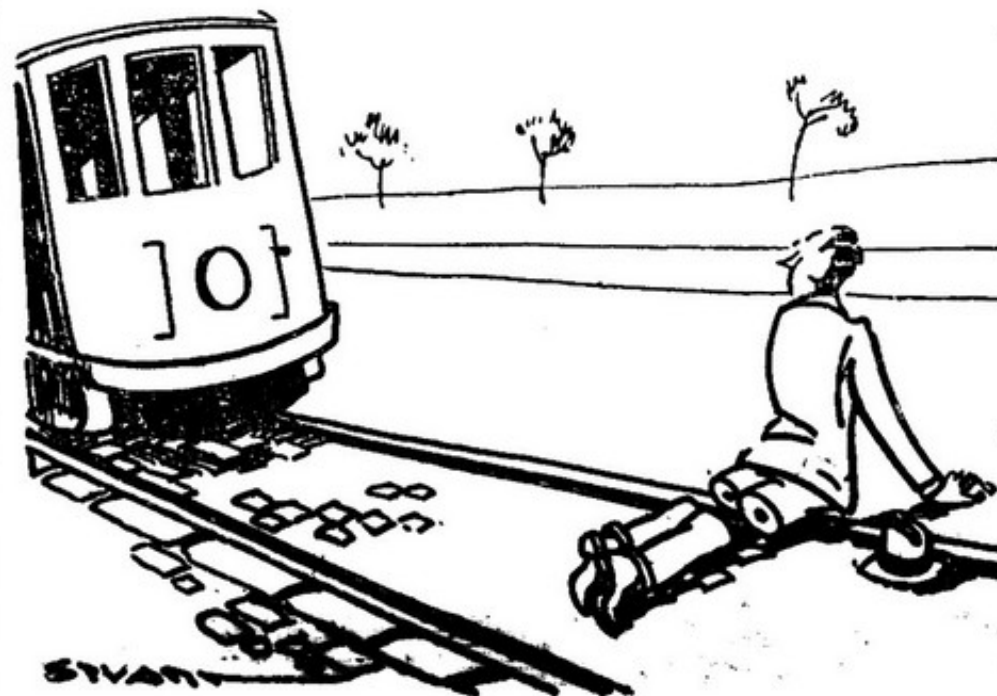
Pobre do nosso patrão! A mulher a saber que, se ele reproduz o que nos ouviu, morrera, e a querer, por força, saber o que foi. Ma mulher!

E respondia o coelho:  
 — Sabes tu o que eu faria, se estivesse no lugar do patrão? Chegava ao pé della e dizia: — Oh minha grande patifa! então tu queres por força que eu morra? Ora toma! e, pegando no primeiro estadulho que me viesse a mão, havia de lh'o quebrar nas costas.

A galinha, apesar de femea, não poude deixar de dar razão ao coelho. E Abd-el-Irim, concordando plenamente com a opiniao do animal, pegou num grosso estadulho, procurou a mulher — e pôs a obra em pratica, sem mais trize nem quartel.

Remedio santo! Em vez de increpar o marido, a esposa de Abd-el-Irim rejavase-lhe aos pés; em vez de o ameaçar, pedia-lhe perdão. Abd-el-Irim deu-lhe tantas que o estadulho se lhe quebrou nas mãos. E nunca mais a esposa foi curiosa...

Ruyself



— Isto é que é azar! Logo hoje que eu la tirar o retrato de corpo inteiro!

# Por todo o mundo

PARIS, 20. — Foi aqui posto á venda nas livrarias o primeiro compendio de geografia. O caso tem sido vivamente comentado, parecendo que o livreiro vai ser preso por cometer tamanha audacia.

PARIS, 20. — No «Folies Bergères» realizou-se ontem a *derrière* duma revista portuguesa. Os autores foram chamados telegraficamente a Paris, estando-lhes preparada uma copiosa sova.

CARACAS, 20. — Em virtude do pedido de demissão apresentado ao presidente da republica de Guatemala por três ministros, o gabinete acaba de ser remodelado e posto como novo. Os móveis e tapetes são da casa Grandela.

LONDRES, 20. — Nos meios desportivos ha uma grande enthusiasmo em virtude do proximo torneio de golf.  
 Ha bastantes concorrentes inscritos, parecendo contudo que o vencedor sera o polfo de Piscaria.

BORDEUS, 20. — Joseph Esquier, um bordelés dos quatro costados que viveu algum tempo na America, quando ontem se levantara aperebeu-se de que tinha perdido o accento francez. Procurou nas gavetas, nas gavetas dos móveis, voltou ao camellio por onde na vespera viera para casa, interrogou vizinhos, mas tudo baldado.

Desesperado, atirou-se ao rio. Quando encontraram o cadaver, o desgraçado acabava de deixar de viver.

LIEGE, 20. — Foi preso um charaffeuro que andava em corrida vertiginosa com o seu auto pela cidade.  
 Na altura de ser preso, o chauffeur morden nos braços o guarda capor.  
 O chauffeur foi internado no Instituto Bacteriologico.

## OS DOTES



— A Anitas tem cem contos de dote...  
 — E o noivo?  
 — Conta com eles...

# Elevador da Gloria

Ele é autor dramático. Ela uma poetisa distinta. Ele e ela são solteiros.

Um flirt, uma troca de olhares significativos e veio o amor entre eles. Depois, tempos passados, chegou o rompimento.

Respeitando velhos hábitos, aquilo que se costuma fazer em casos semelhantes, devolveram-se mutuamente as cartas escritas.

O autor dramático, combinado o ultimo encontro para a devolução da correspondência, abeirou-se da poetisa. A senhora conta as cartas e diz:

— Muito bem. Certíssimo. São sessenta e duas...

— Mas como sabe você que são sessenta e duas cartas?

— Muito simples: cada vez que lhe escrevia, apontava-o no meu *carret*. E aqui tenho também agora todas as suas cartas cronologicamente classificadas e devidamente numeradas...

— Mas como sabe você que são sessenta e duas cartas?

— Muito simples: cada vez que lhe escrevia, apontava-o no meu *carret*. E aqui tenho também agora todas as suas cartas cronologicamente classificadas e devidamente numeradas...

— Mas como sabe você que são sessenta e duas cartas?

— Muito simples: cada vez que lhe escrevia, apontava-o no meu *carret*. E aqui tenho também agora todas as suas cartas cronologicamente classificadas e devidamente numeradas...

— Mas como sabe você que são sessenta e duas cartas?

— Muito simples: cada vez que lhe escrevia, apontava-o no meu *carret*. E aqui tenho também agora todas as suas cartas cronologicamente classificadas e devidamente numeradas...

— Mas como sabe você que são sessenta e duas cartas?

— Muito simples: cada vez que lhe escrevia, apontava-o no meu *carret*. E aqui tenho também agora todas as suas cartas cronologicamente classificadas e devidamente numeradas...

— Mas como sabe você que são sessenta e duas cartas?

— Muito simples: cada vez que lhe escrevia, apontava-o no meu *carret*. E aqui tenho também agora todas as suas cartas cronologicamente classificadas e devidamente numeradas...

— Mas como sabe você que são sessenta e duas cartas?

## A MUSICA



Como nós somos obrigados a sentir Warner quando certas meninas tocam piano.



— Que falta de humanidade! Um temporal destes e os pobres animais à chuva!...

## Como se escreve um conto

Para escrever um conto, antes, durante ou depois da guerra, o autor, que é sempre uma pessoa inteligente e colabora no *Sempre Falt*, parte deste principio indispensavel: Maria e Manoel amam-se. Adoram-se.

Com este dado, é facil ja fazer um conto de antes da guerra. Um conto de cabelos compridos e saia travadinha.

Intitula-se, por exemplo: «O dote». Maria e Manoel amam-se. Adoram-se. Encontraram-se na rua do Ouro. Amaram-se. Os pais de Manoel são ricos. Teem predios na Avenida. Os pais de Maria são pobres. Não teem predios na Avenida nem noutra qualquer ponto da cidade.

Manoel quer casar com Maria. Os pais de Manoel opõem-se. Maria não tem dote.

Como resolver a situação? O autor esta algo atipalhado, mas por fim resolve o problema. E como? Da maneira seguinte:

Para conquistar um dote, Maria começa a frequentar os chás elegantes. E... arranja-o.

Aparece então junto de Manoel. Os pais deste, não sabendo da proveniencia do dinheiro, que julgam de qualquer herança — deixam o filho casar.

Meses depois... Manoel casa com Maria. Mas... na noite de nupcias, ele suicida-se.

Um conto do tempo da guerra: Maria e Manoel amam-se. Adoram-se.

Encontraram-se na rua do Ouro. Amaram-se.

Os pais de Manoel, como já disse-mos, eram ricos... Mas maus negocios da guerra tornaram-os pobres.

Estamos, pois, durante a guerra. O autor do conto tem que trabalhá-lo doutra maneira.

E como?

Os pais de Maria, feitos comerciantes, não querem o casamento. Estão a caminho da fortuna e casar a filha com um *apelintra* não é negocio.

O autor resolve o problema assim: Manoel está no *front*. Porta-se como um valente. Arranja a Cruz de Guerra. Os jornais falam dele.

Feito herói, os pais consentem no casamento.

Apoteose. Muitos meninos.

Um conto da actualidade. Maria e Manoel amam-se. Encontraram-se na rua do Ouro.

Os pais de Manoel são pobres. Em compensação, os pais de Maria não teem nada de seu.

Os pais de Maria opõem-se ao casamento. Ele é um *pelintra*. Mau negocio. Mau casamento.

Maria vai para os *clubs*. Arranja uns vintens. Tem mesmo um deposito, porque é muito dada, de alguns contos de réis.

Manoel sabe. A familia de Manoel também. Os pais de Maria nas mesmas condições.

Mas, como ela tem dinheiro, casam-se.

Epilogo: vivem felicissimos. Teem filhos morenos e de cabelo negro, sendo ambos brancos e louros.



— Se todos fossem daquela marca nunca apanhávamos frio nas pernas...

# HOMEM FELIZ

Do diario dum homem feliz:

«Dia 2:

Decididamente. Sou o homem mais feliz deste mundo!

Encontrei-a ontem no Chiado. É graciosa e linda. Seguiu-a. Falei para ela. De começo não me respondeu, mas depois ouvi a sua voz encantadora.

Perguntei-lhe onde ia. Respondeu-me que andava fazendo compras. Implorei-lhe a graça de a acompanhar. Consentiu. Que gentilisa, a dela!

Entramos em muitas casas. De cada vez que ela comprava alguma coisa sentia o desejo de suplicar-lhe que me deixasse pagar a despesa. Ela ofender-se-hia? Tria recusar?

Mas não! Graças a Deus, ela não se ofender quando lhe pedi. E paguei-lhe algumas compras. Que alegria! Que en cantadora a dela!

Como morava longe, ofertei-lhe para a levar a casa de *taet*. Passava um tesse momento. Mandei-o parar, e ela com a sua graça subiu para o carro e *apitalou-me*.

Uma vez no *taet*, eu e a minha. Não o consentiu. Compreendi então como estava a ser *inconveniente* o meu *proch*.

Jurei-lhe que não a mais procederia assim. A minha para sensibily soua. Quando o carro parou a porta dela, deu-me a pedra dos dentes a beijar. Foi um momento em que fiquei doido de felicidade. E perguntei-lhe: «Quando poderei ter a grande alegria de a ver novamente?» — «Depois de amanhã, às 2. Espere-me na *garrista*. Passarei por lá».

E aqui estou agora ansioso por vê-la.

Dia 4:

Era 1 hora quando cheguei a *garrista*. Deram as duas horas. Esperei um quarto de hora. Meia hora. Uma hora. Ainda que estivesse ansioso por vê-la, desculpava-a comigo mesmo.

Não se pode exigir que uma mulher seja tão pontual como um homem.

Passa uma hora. Duas. Duas e meia. Nada! Ela não chega! O meu estado de nervos é indescritivel.

Talvez se tivesse esquecido do ponto de *rendez-vous*. E se ela não vem!... Naturalmente, castiga-me da violencia que usei no *taet*, querendo beijá-la!...

Quem sabe se já me esqueceu?! Era assim que eu raciocinava.

Ninguém calcula o meu estado de nervos. Bebi três chás e cinco Portos. E ela sem chegar!...

Emfim! A's seis horas veja-a aparecer á porta. Vinha linda!

Esqueci tudo. Ela quiz desculpar-se com muitas compras a fazer, a visita a uma amiga...

Mas eu não deixei... Era feliz...

Pedi *«champagne»*. Mal o bebeu, levantou-se para sair.

— Como assim? Já? — perguntei.

— Tenho umas voltas a dar ainda. Depois ela passou-me gentilmente a mão pela testa. E, no momento de deixar-me, pediu-me com um sorriso lindo com mil réis emprestados. Que alegria poder ser-lhe útil. E deit'os...

Quando vi ela arrecada-los na mala senti um prazer estranho. E saiu, com o mesmo ar lindo com que entrara.

Por estes dias devo voltar a vê-la. Creio que ela simpatiza bastante comigo. Tenho a certeza! Sou o mais feliz dos homens!



Ela... Seu grande malcreado! Oibe que eu sou uma pessoa muito *se-la*.

Ste... O que tem isso? Também eu lhe garanto que sou muito serio e bastante respeitavel.

## Coisas da lei seca

Em Chicago, os operários que trabalhavam na construção dum edificio recusaram-se a arvorar a bandeira americana no acto do esqueleto de ço da «Board of Trades».

Assim que foram colocadas as ultimas traves do edificio, o sr. Henry A. Rumsay, presidente do comité de construções, em vão esperou horas e horas que os operários se resolvessem a içar a bandeira.

A certa altura, um dos operários desceu da cupula do mastro e, dirigindo-se ao presidente do comité de construções, disse-lhe que estava tudo preparado para içar a bandeira, mas que os homens estavam á espera dos «drinks».

— Que qualidade de drinks esperam vós? — observou Rumsay.

— É que... é costume a firma oferecer drinks antes da cerimonia do içar da bandeira. Os homens não levantam a bandeira sem o costumeado brinde...

— Pois vá para cima e diga-lhes que desta vez a bandeira será arvorada sem drinks — replicou Mr. Rumsay. De resto, ha a denominada lei seca, e eu não desejo concorrer para que eles caiam sob a sua alçada, nem tão pouco posso permitir que seja violada a lei que proíbe as bebidas alcoolicas...

Momentos depois, voltava o operário delegado dos seus colegas com a resposta de que sem drinks não flutuaria a bandeira.

Efectivamente, passou-se o dia e a noite e o edificio estava ainda em arvore seca... Na tarde do dia seguinte, Rumsay, prohibitionista intransigente e respeitador da lei seca, chamou os trabalhadores e ofereceu-lhes café e sandwiches, mas eles insistiram por bebida mais espirituosa que o café.

Passaram-se longas horas sem que de qualquer dos lados houvesse a menor transigencia.

No dia seguinte, Rumsay chamou os trabalhadores ao seu gabinete e, depois de um grande discurso, demonstrou a sua enorme simpatia pela classe dos trabalhadores, salientando o facto de já ter arranjado 2.500 libras para as familias de dois trabalhadores que haviam morrido vítimas dum desastre no edificio em construção.

Como os operários não se mostrassem resolvidos a transigir no pedido das bebidas espirituosas, Rumsay disse-lhes:

— Pois bem! Se vocês persistem nesse attitude de querer violar a lei seca, nada mais farei a vossa favor!

Os operários, depois de se entrecolharem, subiram ao alto do esqueleto de 18 andares e, momentos depois, a bandeira americana desfraldava-se nas brisas, sem brindes de drinks.

Rumsay dava um excelente diploma para resolver litígios entre operários e patrões, sem necessidade de violências ou de infracções das leis...

## Pacifismo



— Isto é para que v. não diga que a fraternidade dos povos é letra morta!

# Amor e café com leite

É numa casa de saúde. Na sala de espera, um homem com um ramo de flores olha timidamente uma enfermeira. Passa nervosamente e toda a sua figura dá perfeitamente a ideia de um diabo que não soube governar-se no inferno. A enfermeira, com uns olhos e um nariz de meter medo, dirige-se ao homem das flores e diz-lhe:

— Qual é a sua doente?

— É a senhora Felizarda. Ela está muito mal?

— Assim, assim... O senhor é parente?

— Parente não sou, mas já fui muito chegado. Ela tem sido muito visitada?

— Não... visitas não tem tido... De vez em quando é que vem aí um homem, que pelos modos deve ser... o seu homem.

— Ah! Não sabe se ele virá hoje?

— Ela está á espera dele... As suas flores são muito bonitas...

O homem das flores desabafa:

— A menina não podia fazer um favorzinho? Eu queria ver a minha Felizarda antes do tal homem chegar...

«Eu vou ser franco... Ela já foi minha mulher... Fugiu-me, mas eu ainda tenho por ela um fraco. Soube que ela está muito mal e gostava muito de a ver... Eu, apesar de tudo, ainda devo ser para ela... o seu torrãozinho... Diga-lhe que está aqui o sr. Torrão... o seu torrãozinho, que ela ainda deve comover-se...

O dialogo foi interrompido. Aproximara-se um homem forte que, num enorme vozeirão, diz á enfermeira:

— Pode-se ver a Felizarda?

— Esperem um bocadinho — diz a enfermeira maliciosamente. E desapareceu, deixando os dois homens olhando-se desconfiados. Subito, o recém-chegado exclama num grande berro:

— O Torrão?! Você vem ver a Felizarda?... Acho bem! Não lhe quero mal por isso. Ela ás vezes fala-me de si... Esta bem, homem... Ela incli-

nou para o meu lado... Não vamos ser inimigos.

O homem das flores suspirou:

— Ela ainda fala de mim?

— Se fala... Você, ó Torrão, devia pagar-me porque eu ás vezes aturo-lhe cada birra de saudade...

— Mas ela agora está bem, não?

— Bem não está... Ha um ano estou eu desempregado...

O homem das flores dá um grito:

— A Felizarda a passar mal... Então ela não tem o docesinho no fim do jantar?...

— Isso são exquisiteces.

— E o cafésinho com leite, de manhã, na caminha?

— Você está doído...

— E um passeisinho, o teatro? Ela gostava tanto... Nunca lhe faltei...

— Mas você imagina que eu tenho alguma mina no Brasil?...

— Meu Deus! A minha pobre Felizarda...

— Sua é como quem diz...

— Meu Deus!... E então a Felizarda consegue viver bem com o senhor, sem cafésinho, sem os pastelinhos, a passar fome.

— Distraí-se a trabalhar á maquina e a esfregar casas...

O homem das flores gemeu:

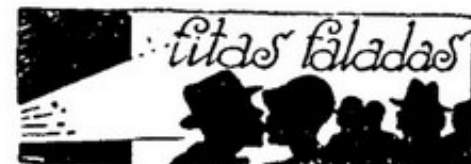
— A minha pobre Felizarda! Caiu sobre um banco, como um diabo pobre a quem tivessem levado o ultimo recurso.

Então, o marido da senhora desabafou com a enfermeira:

— Acostumou-a mal e eu agora é que me amolo. Quando ela queria pancada, ele não lhe dava, e eu agora é que tenho que satisfazer a conta por junto. É uma massada porque eu ás vezes não estou para ali virado...

Entrou resolutamente para a outra sala onde podia ver a doente, enquanto o homem das flores murmurava:

— Mas como pode ela gostar de um homem sem café com leite e todas as coisinhas boas que eu lhe levava á cama?...



Allô, cinéfilos! O nosso Antonio Ribeiro é um grande ponto. Meteu um Lopes no meio para disfarçar, e como o megafone já não lhe chega para apregoar as suas facécias, vai agarrar-se ao microfone da C. T. 1 B. O. Esta noite introduz no éter uma conferencia a que chama «Introdução do Cinema Russo em Portugal»... Está com uma vaidade! Toda a gente sabe que o descobridor da Russia cinematografica foi o sr. José le Rio-Beyro. De fonte segura, informamos que, em memoria de «Bailando ao Sol», vai irradiar de cócoras!

Eh! Rapazes! Não o poupem! Agora é que ha fornecimento de boas lanchas para recheiar artigos de fundo e delicioso os cineastas da «Chic» — essa Hollywood da Praça dos Restauradores!...

Mas não lhe digam que fui eu quem disse isto, porque ele é bruto a bater, e quando me encontrar é muito capaz de me partir a cara. Isso faz-me um transtorno de todos os diabolos. Nunca mais podia dar vivas ao Patriota, entrar na Cabana do Pat Tomás, passar as Noites de Nova York a comer Maçã de Adão, nem fazer continencia ao Tenente de Sua Magestade... a Mulher...

\*\*\*

Esta semana, os cinéfilos têm muito que fazer.

O Tivoli, que engressou a orquestra por patriotismo, exhibe *Nos Mares do Sul* disfarçado de *Corsário*. Mas a gente sabe-la toda, e não podemos deixar perder a piada que têm os *Mares do Sul*, que são salgados, misturados com a *Água Doce* em que navega o Buster Keaton. É um programma todo aquático, que deixa a cara lavada aos mais hidrofobos, e que não deve dar com os burrinhos na agua. Mas o Keaton, quando era *Navegador*, tinha mais graça do que agora, que é *Marinheiro*.

O São Luis, com a mania de programar *ad hoc*, exhibe *As docas de Nova York*, precedidas pelos *Cacadores de Indígenas*, que assim se chamam os cinéfilos que andam em busca dos números esgotados da famosa revista *miúdo-todos*. Vai ser uma semana em cheio. E depois vem o *Filho do Outro*, e depois vem o *Manolesem*, e dizem os cinéfilos em coro: — Ai que se me arranha o filho do outro do *Manolesem* com gosto, olá-ríbó!... Mas a S. G. E., apesar do *Pecado* ter pegado no Porto, corta-as... Compreende-se. Quem tem *Manolesem* tem *Ufa*. Mas enquanto os programas vão e vêm, folgam os Costas...

O Condes, ao que parece, tomou o reclamista do *Coliseu*. E lê-lhe os annuncios: Um grande circo americano — Elefantes — Leões — Leopardos — Uma emocionante corrida de quadrigos... É o que se chama um crime... no circo. O que vale é que *A Morte Cançada* não se cança de esgotar as lotações.

No Central, enquanto o C continua a fazer dominó para os dois lados, o sr. Freire continua a jogar ora no *rouge*, ora no *noir*, que é a *martingale* mais segura para ganhar ao cinema. Depois de *Sua Magestade a Mulher*, veremos *Sua Excellencia, o Morto*. Não tarda nada começar a tratar as fitas por tu! E, ao que se diz, vão meter obras para a Primavera. A *bóite* vai transformar-se num grande salão, como o São Luis ou o Tivoli. O nome, que já mudou de *Salão Central* para *Central Cinema*, vai mudar para *São Central Cine* ou para *Central*. O *Canhão* de 7,5 vai ser promovido a *Canhão* de 42. Emfim: um luxo! E tudo isso se vai dever ao sr. Freire. *Pinhetro* não lhe falta...

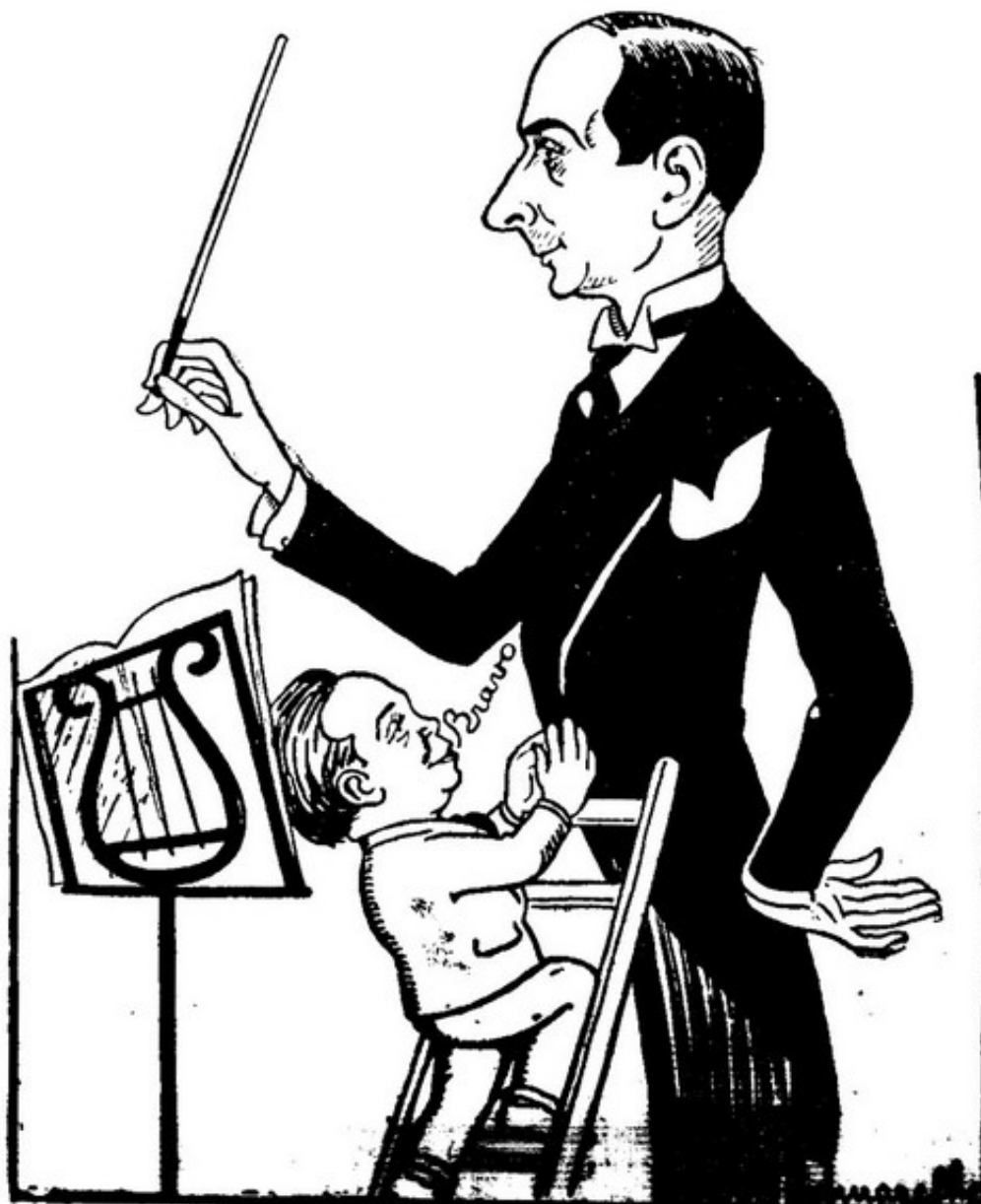
Retardador



— Como se chama?  
— Prudencio.

(Do Gutterrez)

## PEDRO FREITAS BRANCO



Um maestro á altura e com bastante altura, que delicia o publico «smart» do Tivoli com a sua alta competencia



O que se diz e o que se não deve dizer

# Os novos profissionais encartados do "foot-ball"

A semana desportiva foi marcada por um acontecimento sensacionalissimo. A direcção de Federação Portuguesa de Foot-ball resolveu considerar profissionais uns quinze ou dezasseis jogadores, entre os quais varios internacionais.

Não sabemos se a séde do nosso presado colega *O Sport de Lisboa* está embandeirada em arco — mas deve estar. A campanha do semanario desportivo pesou decerto na resolução dos directores da Federação. Mas foi um dente doloroso e difficil de arrancar. E, ao contrario do que costuma acontecer nas extracções de queixas, quer nos parecer que as dores de cabeça virão depois...

A nos ainda nos custa a crêr. Pois quê? Será possível?

Contadinhos dos rapazes!

\*\*\*

Não ha ironia em lamentar a sorte dos novos profissionais. Eles hão de reconhecer num futuro proximo que a qualidade de profissional de qualquer especialidade não é a mais indicada para ganhar dinheiro na mesma especialidade. Ainda hão de dizer:

— Ganhavamos muito mais quando eramos amadores...

\*\*\*

A primeira vista, este golpe de força da Direcção da Federação parece pronte de consequências.

Pensando bem, verifica-se que consequências graves não deve haver.

A hipótese duma proclamação geral de profissionalismo não é admissivel — pela razão acima exposta. Os que se conservam purosinhos como pombas que o clumbo do artigo 19.º não alcança — hão de pensar como é comoda e remuneradora a situação de amador.

Um Congresso agitado não é tambem coisa que assuste — pela vulgaridade...

E o unico facto verdadeiramente espantoso e jamais sucedido em pais algum, a que poderemos assistir, será... será... será... a reclassificação dos profissionais como amadores.

Mas será verdadeiramente espantoso? Talvez não... Os cisnes tambem nascem pretos e veem a tornar-se imaculados como o arminho...

\*\*\*

No campeonato de foot ball de Lisboa vai á cabeça o Sporting. No domingo á noite, o *Martinho* estava repleto de rostos sorridentes. Não era decerto apenas a consolação momentanea dum primeiro lugar. E' que

tambem já andava no ar a noticia dos 16 azes desclassificados...

\*\*\*

O automovei aperfeiçoa-se cada vez mais. E simultaneamente os especialistas dotam as garages com um material cada vez mais completo, para facilitar e tornar mais rapidas as diversas manipulações.

Inventaram-se os macacos hidraulicos que levantam um carro a dois metros de altura; as maquinas de encher e esvasiar os *carters*; os aparelhos de lavar, de lubrificar, de desempoeirar, etc., etc., etc. — com toda a especie de motores electricos, pneumaticos, de comando por volante, por transmissão, etc., etc., etc.

Nos carros ha o mesmo deboche de invenção. Parece mesmo que, carregando sobre um só botão, se acendem os farois, se apagam, se lança o motor, se pára, se lubrifica o *chassis*, se mede o nivel da gazolina, etc., etc., etc.

E ainda ha de se fazer melhor!

Um inventor propoe-se realizar uma maquina de conduzir que permitirá ao automobilista ficar tranquilamente em casa enquanto o carro passeia sozinho.

E', evidentemente, um progresso muito apreciavel.

Rebola-A-Bola.

## O campeonato de Lisboa

Quem joga a bola conquista,  
Além de palmas aos molhos,  
Uma mão cheia de notas.  
Por isso eu sou desportista.  
Desde as meninas dos olhos  
Até aos pregos das botas.

A qualquer de quem me acerque  
Ouço com modo tristonho,  
Falando devagarinho:  
Que o Afonso de Albuquerque,  
Julgando que linda era um sonho,  
Estava a chorar, coitadinho.

Vento, não batas á porta  
Quando eu passar em Belem,  
A' hora do sol já posto.  
Pra' respeitar o desgosto  
Muito profundo de quem  
Viu uma quimera morta.

O povo, julgo, affiança  
Que o lindo verde da folha  
E' da esperança o distintivo.  
Até está por que motivo  
O Chelas 'inda tem esperança  
Tem esperança de apañhar tróinha.

Zé Maria.

# ORA BOLAS



Afinal sempre é verdade que o sol quando nasce é para todos.

## A PENINHA REABRIU!

COM A DIRECÇÃO DO SEU PROPRIETARIO

Deseja V. Ex.º almoçar, jantar ou ceiar bem com suas Ex.ºas Famílias e com o cego? Vá a este tradicional Restaurant. — Variadissimo menu, comidas á portuguesa, ótimas salmãs para famílias com pequenos menus, unico Restaurant no genero em Lisboa. — Freqüente almoços, jantares ou qualquer outra refeição no domicilio, para o que tem pessoal devidamente habilitado. — Aberto toda a noite.

R. Passos e Melo, S-A  
ao Almirante Reis



— Este tremo deve ser difficil...  
— Porquê?  
— Porque são dois a tocar e ainda não acabaram...

## Quereis dinheiro?

Jogal no

*Lama*

SEMPRE SORTES GRANDES!

**BERTI AND IRMA, Lda**  
FOTOGRAFADORES  
TEL. T. 98  
L. I. 112

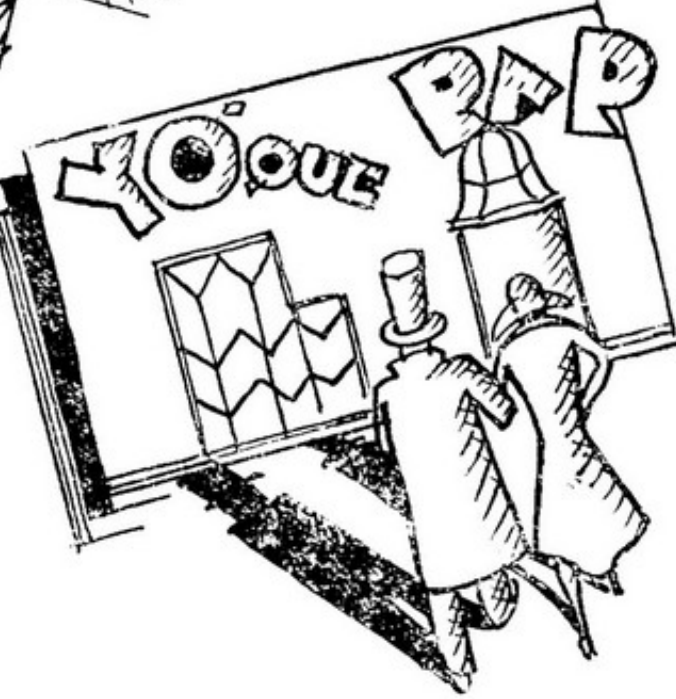
# NOTÍCIAS DA SEMANA

COMEÇARAM A REBENTAR, DE SATISFAÇÃO, ALGUNS SENHORIOS, QUANDO SOUBERAM QUE OS ANOS IAM TER 13 MESES.

O ZIBÓRIO VOLTOU ÀS TREVAS. CONSTA QUE VAI SER ILUMINADO A VELAS POR SAIR MAIS BARATINHO E SER MAIS APROPRIADO.

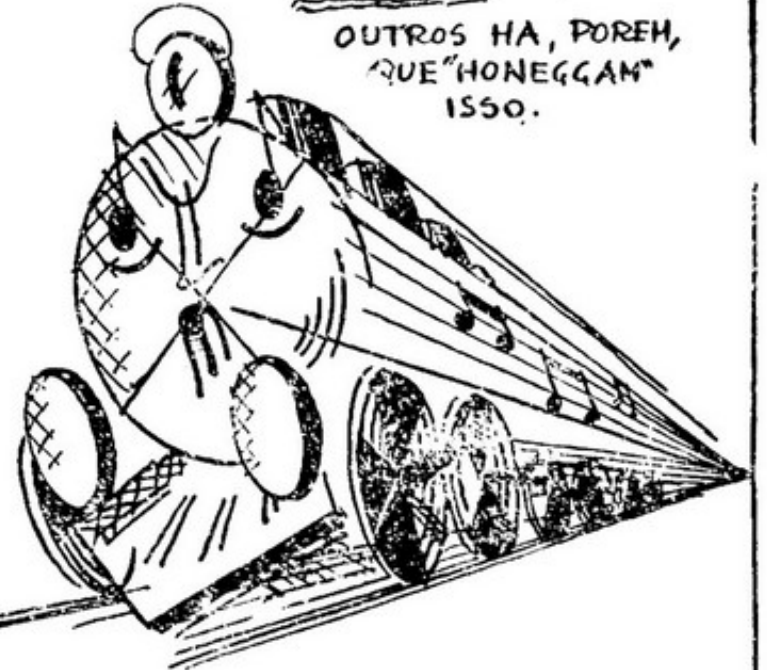


O ANTIGO BALDANÇA É AGORA "BAR" DANÇA. OS COELHOS A CAÇADORA FORAM SUBSTITUÍDOS POR FINOS "DRINKS". SEGURADO E SOARES METERAM "GOAL".



HOUE MUITO MENINO NO TIVOLI QUE ACHOU O "PACIFIC" 231, DE "HONEGGER", BASTANTE "DIABOLIC" 914-

OUTROS HA, POREM, QUE "HONEGGAN" 1550.



QUEREM UM BOM AVISO PARA AS CURVAS DAS MORTES? AQUI TEEM UM PROJECTO. (PARACIMENTO ARMADO)



JÁ COMEÇARAM, NA INDIA, A CONCENTRAR MAGNETISMO, ALGUNS DOS SEUS MAIS PODEROSOS "FAKIRS". O "RAD", ASSIM, REALIZAR-SE NA SEM A MENOR DIFICULDADE.

